

**Experiências labirínticas nas cidades de *Estive em Lisboa e lembrei de você*,  
de Luiz Ruffato**

***Labyrinthine experiences in the cities in Estive em Lisboa e lembrei de você*,  
by Luiz Ruffato**

**Maria Iara Zilda Návea da Silva Mourão<sup>1</sup>**

**Lasaro José Amaral<sup>2</sup>**

**Resumo:** O romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* do autor Luiz Ruffato apresenta espaços relevantes ao longo da narrativa dentre os quais destaca-se a cidade. Serginho, o protagonista, após uma sequência de perdas no Brasil resolve partir para Portugal e tentar (re)fazer a vida naquele país. Contudo, ao chegar em solo europeu, percebe de imediato o labirinto que vai ter de enfrentar. A narrativa é ambientada na cidade mineira de Cataguases e na capital portuguesa, Lisboa. O presente trabalho objetiva analisar a relação das personagens da trama com esses dois espaços urbanos descritos na diegese. O estudo analisa os espaços ficcionais a partir da topoanálise, conforme o estudo de Osiris Borges Filho, e da metáfora cidade-labirinto abordada por André Peyrone (2005), Walter Benjamin (2015), Renato Cordeiro Gomes (2008) e outros autores. A análise possibilitou comparar a cidade de Cataguases a um labirinto-casa, onde os obstáculos são ao menos compreensíveis. Por outro lado, Lisboa mostrou-se um labirinto insolúvel onde os conhecimentos adquiridos na cidade natal já não podem ajudar.

**Palavras-chaves:** Espaço ficcional; Cidade-labirinto; Literatura brasileira contemporânea.

**Abstract:** The novel *Estive em Lisboa e Lembrei de você* by Luiz Ruffato presents relevant spaces throughout the narrative, among which the city stands out. Serginho, the protagonist, after a sequence of losses in Brazil, decides to leave for Portugal and try to (re)start his life in that country. However, when he arrives in Europe, he immediately realizes the labyrinth he will have to face. The narrative is set in the Brazilian city of Cataguases and in the Portuguese capital, Lisbon. This work aims to analyze the relationship of the characters in the plot with these two urban spaces described in the diegesis. The study analyzes fictional spaces based on topoanalysis, as studied by Osiris Borges Filho, and the city-maze metaphor approached by André Peyrone, Walter Benjamin, Renato Cordeiro Gomes, and other authors. The analysis made it possible to compare the city of Cataguases to a labyrinth-house, where the obstacles are at least understandable. On the other hand, Lisbon proved to be an insoluble labyrinth where the knowledge acquired in the hometown can no longer help.

**Keywords:** Fictional space ; City-maze ; Contemporary Brazilian Literature.

---

<sup>1</sup>Mestra em Letras-Literatura e professora substitua da Universidade Federal do Piauí. E-mail: mariaiaramourao@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2649-3678>

<sup>2</sup>Mestre em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. Professor da Faculdade Cidade de Coromandel – FCC. E-mail: professornetinho@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7204-9258>

## 1 Introdução

A cidade apresenta-se como um espaço no qual as pessoas desempenham as mais diversas funções e ações, dentre as quais morar, trabalhar, estudar, praticar esportes e, por que não, sonhar. As múltiplas possibilidades de trabalho, enriquecimento, experiências, que ela pode oferecer levam as pessoas a deslocarem-se de uma à outra em busca de melhores condições de vida e/ou realização pessoal. Cada uma delas, e principalmente, as grandes metrópoles, parecem anunciar aos migrantes promessas de sucesso e ascensão social, que muitas vezes não se realizam. A globalização e o capitalismo na contemporaneidade, ao permitir o fluxo de informações e incentivo ao consumo de modo amplo, favorecem a idealização sobre as possibilidades em ambientes urbanos distantes, que muitas vezes não se concretizam. Os textos literários, por sua vez, mostram as nuances desse processo de edificação de um sonho e sua dissolução que interliga cidades de características diversas, mas que fazem parte dessas condições históricas de impacto mundial.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), do escritor mineiro Luiz Ruffato, o relato em primeira pessoa de Sérgio de Souza Sampaio, ou Serginho, também mineiro e natural da cidade de Cataguases, como o autor, trouxe novamente questões marcantes da escrita do romancista: a migração na contemporaneidade e o processo de desenraizamento dos sujeitos que ela desencadeia. Desse modo, após algumas tragédias pessoais (adoecimento mental da esposa, morte de familiares e desemprego), Serginho decide, a partir de um conselho de um migrante português dono do bar dessa cidade, ir para Portugal em busca de trabalho, conseguir dinheiro e retornar a Cataguases enriquecido.

É interessante notar como a experiência migratória de Serginho relaciona esses dois espaços tão diferentes, mas reveladores das dinâmicas históricas mundiais que envolvem os indivíduos sem que eles se deem conta explicitamente. Nesse sentido, a representação da materialidade das cidades nestas obras dá indícios dessas dinâmicas e fornece aos personagens através das vivências, memoradas e construídas nelas, um conhecimento surgido a partir da experimentação e comparação entre suas diferentes experiências urbanas.

Diante disso, objetivamos analisar os espaços descritos na diegese, observando, sobretudo, a importância das cidades, não só a de chegada, mas também a de partida, no contexto da trama. Para tanto, partiremos da abordagem da topoanálise, proposta por Gaston

Bachelard e retomado por Borges Filho (2007). Segundo o estudioso brasileiro, a topoanálise pode levar à “investigação do espaço em toda sua riqueza, em toda sua dinamicidade na obra literária. O topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador: psicológicos ou objetivos, sociais ou íntimos etc.” (BORGES FILHO, 2007, p. 33). Portanto, realizou-se uma análise atenta da estruturação do espaço e das relações entre ele e de outros elementos narrativos como o narrador e as personagens.

A partir dessa análise, a metáfora já bastante utilizada, mas de significados múltiplos, da cidade como um labirinto surgiu como uma chave de leitura para as interações empreendidas entre o personagem principal e os espaços urbanos que perpassa, sobretudo Cataguases e Lisboa. Nessas duas cidades, a experiência de Serginho pode ser considerada labiríntica por motivos diferentes: em sua cidade natal, a escassez de oportunidades deixa o personagem sem opções de melhores condições de vida e, na capital portuguesa, a promessa de melhoria não se cumpre devido à dificuldade de se localizar espacialmente e socialmente em algum lugar que não seja às margens.

## **2 Cidade-labirinto: vários caminhos de uma metáfora**

O labirinto é uma imagem simbólica presente em várias civilizações. Há ocorrências de representações labirínticas em pinturas rupestres de épocas remotas, em inscrições em monumentos do antigo Egito e mosaicos em igrejas europeias da Idade Média.

Para os ocidentais, pode-se dizer que o labirinto precursor de uma longa tradição discursiva é aquele do mito grego de Minotauro - o terrível monstro metade homem, metade touro que devorava a cada ano sete rapazes e sete moças atenienses. Construído pelo engenhoso Dédalo a mando do rei Minos, o labirinto de Creta era um monumento que tinha o objetivo de aprisionar Minotauro, impedindo sua saída e de quem adentrasse nesse lugar. O herói Teseu conseguiu derrotar esse monstro e sair desse lugar com a ajuda do fio de Ariadne que serviu como pista do caminho de volta. Mesmo seu construtor, Dédalo, quando aprisionado no labirinto pelo rei Minos teve dificuldade de sair dele, optando por confeccionar asas de cera e penas para fugir dele pelos ares (BULFINCH, 2013, p. 238-239).

A partir dessa história, Chevalier e Gheerbrant (2015) destacam dois aspectos simbólicos que pautam a imagem do labirinto: a complicação de sua estrutura material e a dificuldade para percorrê-lo. Ele pode ser visto, então, como o espaço onde estruturas

semelhantes se concentram em tal medida que se torna difícil para o indivíduo orientar-se nele. Desse modo, o labirinto se associa também à dimensão religiosa tendo como o objetivo proteger, por meio de seus obstáculos, algum objeto precioso ou sagrado. Chevalier e Gheerbrant (2015) apontam ainda para aspectos positivos em relação ao labirinto, como o autoconhecimento que pode ser adquirido a partir de sua travessia. No entanto, para aqueles que não estão preparados para isso, só resta padecer vagando ou ser destruído pelos obstáculos que podem ser encontrados ali.

No campo literário, ao longo do tempo a imagem do labirinto se beneficiou dessas interpretações simbólicas fazendo se presente em várias obras literárias. Peyrone (2005), retraçando historicamente a presença dessa imagem na literatura ocidental, diz que o labirinto aparece nos textos literários por muito tempo associado ao mito de Teseu, mas dele se desprende acumulando outros significados a cada período histórico em que reaparece:

A Antiguidade, por exemplo, o uno e o múltiplo. A Idade Média, a horizontalidade e a verticalidade. A Renascença (séculos XIV a XVI), o exterior e o interior. A época clássica (séculos XVII e XVIII), a realidade e a aparência. A época moderna, o finito e o infinito. [...] Cada período manifesta a valorização e a ativação significativas de uma questão, sem excluir as outras, que podem estar presentes, atuantes, modificando-a. Cada texto literário fornece, na verdade, um trabalho para pensar de acordo com sua época e com a ajuda dessa estrutura mítica, a aventura do homem (PEYRONE, 2005, p. 556).

Desse modo, a imagem do labirinto vai representando em cada época uma tensão própria à condição humana devido a sua ambivalência que remete ao mesmo tempo para um enigma (qual é o melhor caminho a percorrer) e para uma solução (percorrê-lo).

As mudanças relacionadas à imagem do labirinto também acontecem a nível estrutural na obra literária. Para Peyrone (2005), ela pode aparecer de forma explícita, como espaço integrante da obra, ou como uma estrutura latente que contribui mais ou menos diretamente para o entendimento do texto. O autor também destaca as várias junções entre o labirinto e imagens próximas, como a floresta, o sonho, a cidade e o livro que contribuíram para a criação do arcabouço de significados em torno dessa imagem matriz.

Para este trabalho, é interessante destacar a fusão entre labirinto e cidade. A ideia de cidade-labirinto pode ter um aspecto positivo nas obras literárias se pautada no tema da travessia como percurso da descoberta e superação de obstáculos, onde o indivíduo/personagem traça “o caminho que leva, passando pela cidade, da ignorância ao

autoconhecimento, do anonimato à identidade” (PEYRONE, 2005, p. 569). Na Literatura, a cidade-labirinto também pode relacionar-se ao tema das viagens. Quando se viaja para uma cidade desconhecida é quase certo o sentimento de estar num labirinto com “arquitetura que desorienta, cidade desconhecida, paisagem que confunde...” (PEYRONE, 2005, p. 570).

Por outro lado, a associação entre cidade-labirinto está ligada às dificuldades da vida urbana. Esse sentido parece ter ganhado força a partir de meados do século XIX. Conforme Peyrone (2005), sua ocorrência parece ter se intensificado a partir das transformações nos modos de produção e de vida proporcionadas pela Revolução Industrial. O aumento da produção e da população<sup>3</sup> nas cidades europeias mais significativas desse momento, Londres e Paris, bem como as mudanças na paisagem urbana ajudam a compor a significação da metáfora cidade-labirinto na modernidade. A vida nessas cidades é então marcada pela dificuldade de se orientar em um labirinto de ruas, becos, imóveis e lojas que se multiplicavam e se enchiam de pessoas indiferentes entre si.

Para Gomes (2008), o caráter ambivalente da imagem do labirinto leva a metrópole moderna a reverberar as conotações do labirinto mítico, comportando a perplexidade e o assombro, a complicação do plano e a dificuldade do percurso. No entanto, diferente do mito, a grande cidade moderna é um labirinto sem centro onde há poucas oportunidades para a descoberta de um fio de Ariadne ou iniciação itinerante que ajude no caminho.

Walter Benjamin (2015), um dos maiores críticos do modo de vida da modernidade, também associa a experiência da cidade moderna ao labirinto ao analisar a obra de Charles Baudelaire. Para Benjamin (2015), essa associação parece se pautar na multiplicação de mercadorias e de experiências que o crescimento das cidades proporciona. Multiplicação essa que resulta na perda de sentido da realidade, passando a ser cada vez mais comandada pelo ritmo do mercado: “o labirinto é o caminho certo para aquele que, apesar de tudo, chega suficientemente cedo ao seu objetivo. Esse objetivo é o mercado” (BENJAMIN, 2015, versão Kindle). Nesse espaço urbano, a própria multidão característica das grandes cidades é responsável por ajudar a compor seu caráter labiríntico.

---

3 Richard Sennett (2014), ao analisar o impacto da Revolução Industrial no século XIX sobre a vida pública, dá uma noção sobre como o aumento populacional era sem precedentes: [...] até essa época a única cidade que poderia se aproximar de Paris ou de Londres em tamanho era a Roma imperial, mil e seiscentos anos antes. Ou ainda, que nenhum outro assentamento humano conhecido jamais havia crescido antes tão rapidamente em tão pouco tempo (SENNETT, 2014, s/p).

Por outro lado, as massas apagam todos os vestígios do indivíduo: são o novo asilo dos estigmatizados. Finalmente, as massas são, no labirinto da cidade, o mais recente e insondável dos labirintos. Através delas, a imagem da cidade ganha traços ctônicos até então desconhecidos (BENJAMIN, 2015, versão Kindle)

A multidão aparece como mais um obstáculo para o entendimento da vida nas grandes cidades. Nela, o indivíduo parece se revelar em grupos, reconhecíveis pelo modo de se vestir ou se portar, mas, essa identificação sempre é superficial, posto que nas grandes cidades torna-se cada vez mais difícil a criação de vínculos duradouros entre as pessoas. Gomes (2008), a partir de uma leitura de textos do sociólogo Georg Simmel, chega a descrever as cidades modernas como “um labirinto em que as interações transitórias, fugazes e fortuitas se inscrevem e requerem somente parte da personalidade dos indivíduos para seu envolvimento” (GOMES, 2008, p.). Desse modo, a cidade é um labirinto de estímulos, posto que sempre se está em contato com o diferente e com o novo das mercadorias, mas onde não há lugar para relações afetuosas. O cidadão, envolvido no ritmo acelerado, é levado a sempre agir de forma racional e funcional, o que gera um problema para as relações interpessoais e o desenvolvimento de um sentido comunitário.

Atualmente, em um contexto de pós-modernidade, modernidade líquida, supermodernidade e outros prismas para se ler a atualidade, cidade e labirinto se associam para acentuar a sensação de descentramento, instabilidade e perda de sentido, causada pelo ritmo cada vez mais acelerado do mercado de dimensões globais que dita o modo de vida das pessoas guiando-as para o consumo e isolando-as umas das outras. Para Silva (2009),

[...] a cidade, além de constituir-se como enigma, encontra-se no labirinto, que ludibria a percepção e põe em xeque a marcha do tempo quando o presente é perplexo, o passado ora esquecido ora idealizado e o futuro inapreensível. A cidade no labirinto é labiríntica, porque, policêntrica, fragmentária e assim, duplicada e vazia, como também esvaziada, sobretudo de sentido, de identidade. Os espaços urbanos, cada vez mais similares entre si, condição de um mesmo processo de produção e consumo, projeta-se no e sobre o espaço uma descaracterização generalizada. Tudo se tornando urbano e fundamentalmente igual, a cidade artificializada ao extremo gera a vertigem. Entretanto, ao mesmo tempo, que tais processos homogeneizantes ocorrem na cidade, a busca pela identidade urbana no local ocorre, por vezes, a partir de uma intensa bricolagem de paisagens, espaços e tempos. Nesse contexto enigma, labirinto, vertigem e bricolagem são imagens-metáforas interpretativas e analíticas às quais nos deparamos nas cidades da condição pós-moderna. (SILVA, 2009)

Desse modo, na pós-modernidade, entender a cidade como labirinto é ver em suas estruturas cada vez mais semelhantes a metaforização de um mundo menos propício ao fortalecimento de laços comunitários e à solidão em não-lugares (AUGÉ, 2012), espaços repletos de pessoas como os *shopping centers*, as zonas turísticas, os aeroportos, mas onde a sociabilidade não pode se estabelecer.

Diante desses vários caminhos suscitados pela relação entre cidade e labirinto ao longo do tempo, analisa-se a obra de Luiz Ruffato neste trabalho, considerando-se o labirinto como uma estrutura simbólica latente que contribui para o entendimento dos percursos da personagem principal nas cidades contemporâneas.

### 3 Cataguases: Um labirinto-casa

*Outra afirmação ridícula é que eu, Astérion, sou um prisioneiro. Repetirei que não há uma porta fechada, acrescentarei que não existe uma fechadura?*

(BORGES, 2001)

No conto “A casa de Asterion”, Jorge Luís Borges (1999) traz uma releitura do mito do labirinto do Minotauro em que o monstro é o personagem principal e dá seu ponto de vista em primeira pessoa sobre a vida no labirinto. Astérion ressignifica o labirinto no qual vive como uma casa, onde experimenta sentimentos ambivalentes, como o conforto de conhecer todos os seus meandros e até saber divertir-se nele, mas também a solidão que ele ameniza com a promessa de um redentor. Uma relação análoga parece ocorrer entre Serginho e sua cidade natal, Cataguases. Por mais que as descrições que o personagem faça dessa cidade revelem um local que não oferece tantas oportunidades a seus munícipes, seu olhar para ela transparece, se não uma certa afeição, pelo menos um conhecimento que permite viver de forma amena apesar das marcas de precariedades que estão em toda a parte:

Saí do prédio, atravessei a praça Rui Barbosa, aviei a receita na Drogaria do Povo, quase desistindo por causa da carestia, e, em cima da minha Biz, vaguei sem pressa pela cidade, rememorando todas as marcas que me acompanhavam vida afora, desde os matarratos da infância, os sem filtro afanados do meu pai e das visitas domingueiras, até os John Player Special que vestiam a Lotus do Emerson Fittipaldi, campeão de fórmula 1 em 1972, cartaz que ilustrava a parede do quarto que dividia com meu tio Zé-Carlím, irmão caçula da minha mãe [...] (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

Nesse trecho, o preço elevado de medicamento para o tabagismo contra o qual Serginho lutava, não o impediu de fazer um percurso por alguns bairros de Cataguases lembrando os momentos marcantes que viveu até então, tendo como mote, os cigarros que o acompanharam da infância à idade adulta. De tipo em tipo de cigarro, ele rememora seu modo de vida e as formas de driblar as restrições a esse vício traçando uma continuidade entre os espaços da cidade e seu espaço mais íntimo, o quarto. Segundo Raynor (2015), o ato de fumar da personagem, à medida que estrutura a narrativa, serve como uma metáfora para:

[...] os resíduos de memória pessoal, retornando a história para Cataguases [...] o ato de fumar vai além de sua associação com uma configuração espaço temporal específica, está ligada a uma comunidade local inteira que Serginho leva para Portugal na sua memória (RAYNOR, 2015, p. 165).

Vivendo nessa cidade desde criança, ele sabia bem como se esconder nesse pequeno labirinto chamado Cataguases, fazendo-o seu porto seguro para o qual podia retornar pelo menos através da memória quando da sua estadia em Portugal.

Por outro lado, é importante salientar o estilo de vida simples da cidade e, paradoxalmente, as mensagens de fortuna e progresso para além dali. No trecho do romance citado anteriormente, por exemplo, vê-se que Serginho pertencia a classe baixa por causa do seu meio de transporte, uma moto *biz*; da necessidade de compartilhar o quarto com o tio Zé-Carlim, irmão de sua mãe; e até mesmo do pôster do carro de fórmula 1 pilotado pelo brasileiro Emerson Fittipaldi na conquista do campeonato mundial de 1972.

Esse último detalhe permite ver que, tal qual o labirinto descrito no conto de Borges (1999), Cataguases não é um lugar em que seus habitantes viviam cerceados do mundo. Apesar de muito mais jovem e menos desenvolvida que Lisboa, destino de Serginho em Portugal, a cidade mineira, assim como outras cidades pequenas de países subdesenvolvidos, conseguia receber mensagens estimulando o consumo e um modo de vida diferente como a que é veiculada pelo pôster do quarto da personagem em que a Lotus de Fittipaldi contrasta com sua *biz*, e a marca de cigarros de maior qualidade enunciado no papel se opõe aos matarratos da infância e aos sem-filtro do pai.

O geógrafo brasileiro Milton Santos (2014), ao discutir as mudanças da categoria cidade em sua disciplina, ressalta que a flexibilidade nos meios de transportes atuais, mas também a propaganda com seu alcance cada vez maior, favorecem a mobilidade de pessoas



entre cidades pequenas e grandes motivadas pela busca de bens e serviços não existentes em sua região. Essa busca acontece de modo completamente diferente segundo a classe social:

Naturalmente, os que fazem essas viagens de consumação são os que dispõem de mobilidade. Essa mobilidade no território é aliás negada aos que dispõem de menos renda. Quem não pode mover-se para obter os novos itens de consumo que a publicidade lhe insinua, acaba saindo de vez. Temos aí um novo motivo para o aumento do número de migrantes nos maiores centros. (SANTOS, 2014, p. 62)

Nesse sentido, a forma como Serginho conheceu os *John Player Special* é bastante representativa desse fenômeno reforçador do canto da sereia que sustenta as migrações para grandes centros:

Eu nem sabia que John Player Special era nome de cigarro, descobri por acaso em São Paulo, quando acompanhei a Semíramis, minha irmã, à rua Oriente, no Brás, pra comprar roupas que ela revendia em Cataguases, numa lojinha na Taquara Preta, que durou pouco, a clientela comprava fiado e não pagava, acabou fechando, devendo também para um monte de gente, essas coisas de comércio (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

Nesse trecho, é possível constatar a estrutura frágil do comércio da cidade e a necessidade de buscar em grandes centros a mercadoria não produzida na região. Ao acompanhar a irmã, e foi então que o protagonista descobriu o cigarro importado, conheceu o bairro do Brás, região de comércio popular e frequentado por pessoas de todo o país.

Se é verdade que os brasileiros buscam colocação de emprego em outros países e veem isso como uma perspectiva de melhores condições de vida, acontece também que vários brasileiros enxergam no bairro comercial paulistano uma oportunidade de negócios e vislumbram um futuro mais estável no que tange à vida financeira. O empreendimento da irmã no bairro da Taquara Preta não consegue ser bem-sucedido de modo que a loja vai à falência. Depreende-se, também daí, que uma boa parcela dos negócios no Brasil fecha as portas pouco tempo depois de abertos.

O motorista do ônibus que primeiro cedeu os cigarros a Sérgio, numa das viagens costumeiras a São Paulo acompanhando a irmã suscita no protagonista a vontade de “viajar pra-fora” e conhecer outro país e, quiçá, fazer fortuna por lá. O espaço, na sequência da diegese, deixa entrever que havia um auspício de prosperidade em outros países, já o narrador afirma que esses pensamentos o levaram sem perceber a um bairro chamado Paraíso: “quando

dei conta, rodava pelo Paraíso, bairro que não punha os pés de há muito [...]” (RUFFATO, 2009, versão Kindle). Contudo, Sérgio lembra-se também de quando namorou uma moça desse bairro chamada Karina, balconista em uma ótica e que cursava pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases. Na rememoração, é possível perceber, através da descrição do bairro onde a moça morava, que se tratava de uma local cuja gestão do governo municipal negligenciava. Sérgio aguardava a aula da namorada terminar para “escotar ela até em casa, aproveitando para inspecionar toda sombra de árvore, cada luz de poste apagada, qualquer canto escuro” (RUFFATO, 2009, versão Kindle).

[...] lembrei que o Chacon [...] gabava de possuir um pequeno estabelecimento por aquelas bandas, e, especulando de um e de outro, descobri o negócio, reduzido mas porém decente, limpo, duas mesas de plástico vermelhas enxeridas na calçada estreita, outras duas, de metal, no canto direito do cômodo sem janelas, chão de cimento grosso, balcão de expositivo de porcarias pra engabelar criança, prateleiras de bebidas coloridas, estufa de salgadinho, geladeira e frizer (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

A partir da descrição dos arredores do estabelecimento do Chacon, companheiro de futebol de Sérgio, é possível notar a geografia do entorno. De acordo com o narrador, “No final da tarde, o pessoal que labutava do outro lado da rua, virando areia e cimento, empurrando carrinho-de-mão lotado de massa pra uma construção no alto do barranco apareceu, tomaram pinga, comeram jiló cozido e linguiça frita [...]” (RUFFATO, 2009, grifo nosso, versão Kindle). Nota-se, assim, que tanto o lugar quanto as pessoas que por ali se encontravam eram, de fato, de classe social menos privilegiada. O substantivo barranco configura bem isso. Depreende-se, pois, que o bairro está localizado em uma região acidentada, de morro. Soma-se a isso a bebida e a comida consumida pelos trabalhadores: pinga, jiló e linguiça frita.

No dia em que segue à farra no bar do Chacon, Sérgio acorda em casa, sem saber exatamente como, pois, se embebedou demais, e ao ser acordado pela mãe, assusta com o fato de não ver a motocicleta, uma biz, onde comumente costumava deixá-la. Mais uma prova de que o bairro onde residiam, a Taquara Preta não era um local confiável e que carecia de mais segurança.

Embriaguez essa que se transfigura no sonho de fazer a vida morando em outro país, recebendo em euro, e enviar dinheiro ao Brasil para que, no mais tardar, em dois anos voltar e viver dos rendimentos dos aluguéis de imóveis comprados com o que conseguisse fora.

Após dias de percalços e complicações, Sérgio consegue finalmente organizar toda a documentação e despedir-se das pessoas para a viagem. A partir de uma análise retrospectiva de vários momentos vividos até então na cidade de Cataguazes, e o sentimento de que talvez pudesse não mais desfrutar das benesses que a cidade natal oferecia, nota-se que a personagem retoma mentalmente uma evolução considerável do município. Nesse sentido, o narrador afirma que tem

[...] receio de nunca mais retornar, uma saudade já daquela gente, criados todos juntos, observando o adiantamento do bairro, cafundó pouco a pouco civilizados, a luz elétrica, as redes de água e esgoto, o asfalto, os botequins, as festas pra construção da igreja católica, o erguimento silencioso dos templos dos crentes, os shows no Clube do Cavalo, os comícios, as peladas no campo que tem um marco em ruínas (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

E segue apresentando também todos os problemas pelos quais o bairro da Taquara Preta enfrenta:

As enchentes que ameaçam sorrateiras, as queimadas que sufocam as casas, a poeirama de agosto, a praga de pernilongos, escorpiões, carrapatos, a epidemia de gatos e vira-latas, as desavenças, as uniões, os que nasceram, os que morreram, a bandidagem, os maconheiros, o pessoal da cocaína, a aids e, ultimamente, os mutirões contra a dengue [...] (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

Esses problemas característicos do bairro, ao mesmo tempo que sensibilizam o personagem, são interpretados por ele como um chamado para a sua partida em busca de melhores condições. Saliente-se, ainda, que os problemas identificados e descritos são comuns a bairros de periferia, onde o setor público pouco ou nada atua, de modo que dificilmente tais infortúnios acometeriam um bairro de classe média-alta ou alta. Impotente diante desse labirinto-casa cheio de obstáculos sociais, muitas pessoas como Serginho vão buscar a solução fora dele, mas sempre na esperança de voltar e ter uma vida melhor.

#### **4 Perspectiva e frustração na capital labiríntica**

*[...] indaguei como sair daquele labirinto infantasmado.*

(RUFFATO, 2009, versão Kindle)

O continente europeu desde há muito seduz e atrai olhares de pessoas do mundo inteiro, sobretudo daqueles cujo país natal está situado em áreas subdesenvolvidas. No caso mais específico de Portugal, os habitantes das ex-colônias tendem a buscar o país pelo fato da facilidade no que tange à língua. Contudo, em um encontro com um outro brasileiro, Serginho, já em terras portuguesas, demonstra uma felicidade por ver um imigrante brasileiro: “Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente” (RUFFATO, 2009, versão Kindle).

Fica evidente, assim, a distância entre a realidade brasileira e a portuguesa da qual o personagem só tem a real dimensão depois que chega à Lisboa, inclusive no que diz respeito ao modo como se fala a língua portuguesa. Ela que parecia unir portugueses e brasileiros, podendo servir de fio de Ariadne para ajudar na travessia de Serginho, revela-se ao longo da narrativa como mais um complicador ao passo que, a partir do idioma, sua nacionalidade estrangeira é reconhecida de imediato.

Assim que chega à Lisboa, Serginho, no trajeto do aeroporto até o hotel, traça sua primeira impressão da cidade. Lisboa, devido à sua formação milenar, apresenta uma arquitetura um tanto quanto obsoleta. Por ter partes de sua forma arquitetônica antiga, de uma época em que havia poucas pessoas morando no ambiente urbano e não havia automóveis circulando o tempo todo, as ruas são, em sua maioria, estreitas, acentuando o caráter labiríntico da cidade:

Passei dormindo meu primeiro dia em Portugal, debaixo das cobertas no Hotel do Vizeu, na Madragoa, um bairro antigo pra caramba, de ruínas estreitas e casario maquiado, uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas com xales pretos, velhos de boinas de lã subindo-descendo devagar o ladeirame, ser ar, escorados nas paredes [...] (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

A geografia do bairro de Madragoa impressiona o protagonista e o faz equiparar as pessoas às construções da cidade. Nessa passagem, ele retoma uma prática característica do *flâneur* na tentativa de entender a cidade moderna: “[...] através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados - em suma, um texto.” (MASSAGLI, 2015, p. 47). A leitura que o personagem faz da cidade e de seus habitantes permite ao leitor estabelecer relações entre o espaço português e dados históricos e sociais os quais Serginho não tem um conhecimento

formal, mas consegue indicar. Assim, a antiguidade do bairro que se estende para as pessoas aponta para o processo histórico de construção dessa capital que é bem diferente das cidades brasileiras e para o processo social de envelhecimento da população que tem uma baixa taxa de natalidade e mais qualidade de vida, permitindo o aumento no número de idosos.

Apesar de chegar com muitas expectativas em Lisboa, Sérgio já nota que os portugueses, ainda que com laços fortes com o Brasil devido à colonização e principalmente por usar a mesma língua – ainda que exista uma diferença gritante no que tange à pronúncia e usos do idioma –, não se apresentam muito receptivos. Logo no aeroporto, o protagonista é recepcionado com o mínimo de cortesia: “[...] quando pus os pés em Lisboa, o rapaz olhou o retrato no passaporte, falei bom dia, nem respondeu, bateu carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema” (RUFFATO, 2009, grifo nosso, versão Kindle). As primeiras sensações de Sérgio em Lisboa são um prenúncio do desamparo e da solidão que ele vivenciará na cidade causados, entre outras razões, pela dificuldade de estabelecer relações interpessoais baseadas no afeto e na confiança, sobretudo com os portugueses. Sobre isso, Coutinho (2021) diz que:

A ambivalência do acolhimento proporcionado ao exiliente traduz-se em grande medida pela falta de convivência com os nativos, apenas colmatada por relações de solidariedade ou de rivalidade, quando não de logro com outros forasteiros, ou antigos emigrantes, como é o caso de Seu Carilho, hóspede como Serginho do Hotel Vizeu, e que viera durante largas décadas no Brasil; de Rodolfo e Sheila, outros brasileiros; do ucraniano Anatólio ou do guineense Nino. (COUTINHO, 2021, p. 27)

Sabe-se que a dificuldade de se estabelecer relações interpessoais devido ao confronto constante com desconhecidos é uma característica da vida nas grandes cidades. Bauman (2009) aponta que um dos traços da pós-modernidade é revelar cada vez mais as diferenças entre as pessoas, impedindo a capacidade de diálogo entre os estranhos, a partir de uma política do medo e da insegurança. Se a pós-modernidade acentua o caráter de estranheza, isso se intensifica mais em relação aos estrangeiros:

Amigos, inimigos e sobretudo os ardilosos e misteriosos forasteiros que circulam ameaçadoramente entre os dois extremos agora se misturam e se esbarram nas ruas das metrópoles. A guerra contra a insegurança, os perigos e os riscos agora estão dentro da cidade, onde se definem os limites dos campos de batalha e se traçam as linhas entre as frentes. Trincheiras e bunkers fortemente blindados destinados a separar os estranhos mantê-los à

distância e barrar sua entrada estão se tornando rapidamente um dos aspectos mais visíveis das aglomerações urbanas [...] (BAUMAN, 2009, p. 96)

Desse modo, Serginho e outros migrantes vivem isolados na cidade de Lisboa e têm dificuldade para se integrar verdadeiramente nessa sociedade, pois são vistos, por grande parte dos portugueses, como um dos males desse labirinto urbano. Sobre isso, a trajetória de Sheila, personagem por quem Serginho se apaixona, é bastante significativa.

Ela é uma brasileira que havia ido para Europa em busca de trabalho enganada com o tipo de função que desempenharia no primeiro país que chegou, a Espanha, e depois seguindo para Portugal se vê numa rede de prostituição sendo obrigada a exercer a profissão e se envolver com indivíduos perigosos. Apesar da profissão exercida, Sheila sonhava com um emprego que fosse menos sacrificante e menos degradante:

[...] fantasiava um emprego decente numa daquelas lojas da Baixa-Chiado, rua Augusta, rua do Ouro, rua da Prata, rua do Carmo, rua Garrett, ou da avenida da Liberdade, gastava tardes rondando as montras, cobiçando o trabalho das empregadas de loja” [...] (RUFFATO, 2009, versão Kindle, grifos do autor).

Prata, Ouro, Augusta, Liberdade: topônimos que dão a dimensão simbólica da busca do imigrante no labirinto da cidade estrangeira. No entanto, a ela é negada até mesmo a entrada nesses lugares onde seu sonho poderia se realizar: “[...] parecia que estava escrito na testa Prostituta, onde entrava, tratavam ela mal, aos chutos e pontapés, como se portasse sida, ou lepra, e então, conformada, recolhia no seu canto [...]” (RUFFATO, 2009, versão Kindle, grifos do autor)

Os espaços de migrantes, como Sheila e Serginho, geralmente, são os não-lugares da cidade. Segundo Augé (2012), os não-lugares são a organização espacial e a relação que se mantém com os espaços típicos dos tempos atuais, que o autor denomina de supermodernidade. Os não-lugares caracterizam-se por não apresentar um sentido identitário, histórico ou relacional para quem neles transita. Desse modo, a relação com o não-lugar é antes de tudo funcional, pois eles são “espaços constituídos em relação a seus fins (transporte, trânsito, comércio, lazer)” e “medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam tensão solitária.” (AUGÉ, 2012, p. 87). O quarto do Hotel Viseu em Lisboa onde Serginho abriga-se à noite em boa parte da narrativa e os restaurantes onde ele comia e trabalhava podem ser considerados não-lugares, pois neles,

apesar de serem espaços onde muitas pessoas transitavam, era difícil ao personagem sentir-se à vontade.

Comparado à sua casa, pequena e humilde, no Brasil, o quarto do hotel não perdia em nada. E com um diferencial: o banheiro era em comum com os demais hóspedes. Ao passo que o local é apresentado ao inquilino, este se espanta. Nota-se, de forma clara, que o espaço em que o protagonista dispõe para moradia é de fato temporário. Pouco se vê na estrutura descrita aconchego e descanso. É apenas um espaço transitório até acomodar-se, encontrar um bom emprego e (re)construir a vida.

O seu Seabra exigiu pagamento adiantado, e, capengando, subiu a escada de madeira, apontou o banheiro comum, no fim do corredor, pro banho e pras necessidades, mostrou o quarto minúsculo, limpo, mas fedendo a naftalina, cama-de-solteiro e guarda-roupa, afastou a cortina da janela e alardeou a vista [...] (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

O local onde fazia as refeições era também bastante humilde assim como se pode perceber a partir de uma descrição do restaurante. Às vezes a única refeição do dia de Sérgio era o almoço e então o fazia com paciência e tranquilidade uma vez que não estava ainda empregado e podia apreciar o máximo a comida e se fartar bem.

Foi o Seu Carrilho que indicou o Ao Recanto dos Caçadores, três quadras à direita de quem desce, difícil de adivinhar a tasca atrás daquela porta espigada, solteira, estropiada, um balcãozinho sebento mal comportando a caixa registradora do tempo-do-epa, uma escada estreita e custosa que dava num porão baixo, mesinhas cobertas de toalhas de papel [...] chão de muitas lavagens, e comida barata, o dinheiro quase acabando e nada de serviço, o que me deixava numa situação de desespero [...] (RUFFATO, 2009, versão Kindle)

A partir da descrição tanto do Hotel do Vizeu, onde o personagem está hospedado, bem como do restaurante em que faz as refeições diárias é possível perceber a degradação dos espaços e suas restrições. Isso porque tanto na América do sul quanto no continente europeu a desigualdade social e as dificuldades de sobrevivência existem, principalmente para grupos marginais como os migrantes. Refletindo essa situação a partir da ótica labiríntica, entende-se Lisboa nessa narrativa como um labirinto mais difícil de se decifrar porque suas dificuldades são escondidas nos discursos que chegam para os migrantes. Ainda no Brasil, Serginho mal podia imaginar a realidade do país e o que lhe foi dito pelo comerciante português pouco o ajudou a guiar-se no país estrangeiro.

## 5 Tentando sair do labirinto: considerações finais

Retomando a historiografia das cidades, Milton Santos (2014) destaca que, na passagem do feudalismo para o capitalismo, elas eram caracterizadas como lugares de liberdade onde o trabalho livre poderia ser exercido e havia excedentes de comida, diferindo-se do campo onde as possibilidades eram mais restritas. A ideia de cidade como “semente de liberdade” (SANTOS, 2014, p. 59) parece continuar repercutindo até hoje, mas o oposto desse espaço não é apenas o campo, e sim outras cidades que se inter-relacionam de modo cada vez mais diversos nessa época de globalização e capitalismo.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), é possível perceber como essa relação acontece a partir dos movimentos migratórios internacionais que ligam a cidade mineira de Cataguases à capital portuguesa, Lisboa. Nesse sentido, o romance traz a idealização do modo de vida em Portugal cultivando a ideia de enriquecimento mais fácil e liberdade. No entanto, essa idealização depende da precariedade da cidade natal do personagem migrante. Esta, por sua vez, não deixa de oferecer indícios de acolhimento que fazem falta quando em Lisboa o personagem sente o peso do desenraizamento.

Portanto, a partir das análises e das leituras cotejadas ao romance, foi possível ler as duas cidades como dois labirintos: Cataguases, como um labirinto-casa que impõe seus obstáculos ao narrador, mas que, por conta de sua vivência, é capaz de desvendá-lo; e Lisboa, como um labirinto novo, ilusório e insolúvel, onde os entendimentos do labirinto antigo pouco fazem sentido e é preciso reconstruir sua orientação pouco a pouco na esperança de encontrar, não seu centro, mas a saída de volta para sua cidade natal.

## Referências

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus Editora, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura** - introdução à Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BORGES, J. L. A casa de Astérion. In: BORGES, J. L. **O Aleph**. Trad. Flávio José Cardozo. São Paulo: Globo, 2001, p. 75-78.
- BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia**: a idade da fábula. São Paulo: Martin Claret, 2013.



CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. 28ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COUTINHO, Ana Paula. Ângulos em português da cidade-desabrigo contemporânea. *In*: FEITOSA, M. M. PANTOJA, S. M. S (org.) **A cidade nas literaturas de Língua Portuguesa**: imagética, plural, transfigurada. Teresina: Cancioneiro, 2021, p. 11-38.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. ed. amp. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. **A Escrita como Lugar da Cidade**: Ensaio sobre a apreensão e representação do Espaço Urbano na Literatura. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PEYRONE, A. Labirinto. *In*: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. 4ª edição. Trad. Carlos Sussekind; Jorge Laclette; Maria Thereza Rezende Costa; Very Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005

RAYNOR, Cecily. **Linguagem, espaço e nação**: um mapeamento das identidades multigeográficas do protagonista imigrante. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* Brasília, n. 45, p. 159-182, Jun 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182015000100159&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000100159&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 fev. 2021.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. Editora Companhia das Letras, 2009 [versão Kindle].

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2014.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 2014. Edição Epub.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **A cidade no labirinto**: descortinando metáforas da pós-modernidade. *Sociedade & Natureza*, v. 21, p. 147-158, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000100010>. Epub. Acesso em 15 abr. 2021.